Acesso à rede de esgoto cresce menos que nos anos 70 e 80

(Samantha Maia)

A expansão do acesso à rede de esgoto no Brasil vem se desacelerando nas últimas décadas. Apesar de o índice de pessoas atendidas pelo serviço ter evoluído de 36%, em 1992, para 47% em 2006, o crescimento de 11 pontos percentuais no período fica abaixo do ritmo atingido nos anos 70 e 80. A taxa de novos atendidos por rede de esgoto cresceu 1,5% ao ano na década de 70, movimento que caiu para 1% ao ano na década de 80. Entre 1992 e 2006, período coberto pela série histórica da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (Pnad), o índice foi de 0,8% ao ano. O levantamento faz parte de pesquisa do Instituto Trata Brasil, coordenada pelo economista da Fundação Getúlio Vargas (FGV) Marcelo Neri.

"O acesso a celular e computador está explodindo e em saneamento o que se vê é uma desaceleração", diz Neri. Comparado à coleta de lixo, o acesso à rede de esgoto e ao abastecimento de água subiram menos. Enquanto em esgoto a alta foi de 30%, e em água, de 20% (de 75% para 90% de 1992 a 2006), a alta do número de pessoas com coleta de lixo nas suas casas cresceu de 59% para 79% (34%). O acesso per capita à rede elétrica por sua vez cresceu 11%, mas sob uma base já alta, passando de 87% para 97%.

Para o economista, falta ao saneamento básico uma noção de benefício direto à população. "Eletricidade, por exemplo, está associada a um mercado, que é do consumo de aparelhos eletrônicos, à televisão, algo útil. Tratamento de esgoto traz aparentemente apenas uma negação, que é a de não poluir, não há uma ligação direta com os seus benefícios." A pesquisa de mapeamento das condições do saneamento básico no Brasil tem como intenção deixar mais evidente as implicações da falta de investimento no setor.

Uma das primeiras conclusões do estudo foi a relação entre acesso à rede de esgoto e mortalidade infantil. Segundo o levantamento, o número de mortes entre crianças de um a seis anos que moram em locais sem coleta de esgoto é 32% maior do que entre as que possuem o serviço. Dentro desse universo, os meninos são os mais afetados. "Podemos concluir que os meninos têm mais atividades fora de casa, como jogar bola, empinar pipa, o que os deixa mais vulneráveis à poluição por conta da falta de saneamento", diz Neri.

Apesar de serem as mais afetadas, as crianças têm menos acesso à rede que os adultos. O serviço chega às casas de 40% das crianças de zero a quatro anos, enquanto entre as pessoas acima de 60 anos, o índice de acesso é de 51%. "É como se os idosos estivessem 14 anos à frente das crianças em saneamento", diz Neri. Uma das causas dessa diferença pode ser o fato de as famílias pobres, mais expostas à falta de coleta de esgoto, terem mais filhos. O déficit de domicílios sem o serviço está hoje em 51,5%. No ritmo em que ele vem sendo combatido serão necessários 115 anos para atingir a universalização, segundo a pesquisa.